

# **Maré Morta: Uma etnografia sobre movimento, maré e morte na Vila de Matarandiba (BA)<sup>1</sup>**

**Renata Freitas Machado (USP - SP)**

A maré morta<sup>2</sup> não é só um indício de dias e noites com pouca movimentação das águas, mas também um indício de dias menos propícios para a pesca e, principalmente, para mariscagem. O título, *Maré Morta*, é uma referência a uma categoria nativa que define um período de maré de menor amplitude, que ocorre durante as fases de quarto crescente e quarto minguante. A maré é morta porque perde sua oscilação ela não gera perigo. É quando a maré não enche totalmente e nem esvazia por completo, deixando na maior parte do tempo descoberta a pequena faixa de areia branca que a comunidade convencionou chamar de restinga e o produto mais rentável (o pescado), se não o único rentável da comunidade, torna-se mais escasso. Esse trabalho trata do mar, do ponto de vista de sua pluralidade: as atividades produtivas realizadas, as relações de parentesco estabelecidas, o movimento das marés e o mar como lugar dos mortos. O fio condutor são as narrativas das comadres que tem a mariscagem como ganha pão. Dentro desse contexto etnográfico, procuro entender as relações de parentesco e afetividade entre vivos e mortos que se dão através da maré. Com base nos dados do campo esse trabalho também é um exercício de reflexão a cerca da proximidade linguística de palavras de origem banto que nomeiam mar e morte. E nessa perspectiva, esse artigo se apresenta como uma travessia da “*kalunga*” (águas do rio ou do mar). Assim, também costuro não só uma aproximação entre o mar e a morte, mas com os orixás ligados ao mar e ao mangue, as particularidades e narrativas locais que giram ao seu redor. O contexto etnográfico é a comunidade de Matarandiba, localizada na Ilha de Itaparica na Bahia, uma pequena comunidade pesqueira formada principalmente por uma população negra.

**Palavras chaves:** Morte, mar, Matarandiba

## **Introdução**

O objetivo desse artigo<sup>3</sup> é descrever a experiência de participar do trabalho de mariscagem e, a partir dessa descrição, analisarei as relações de parentesco que são

---

1 “Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.”

2 A concepção sobre a maré em geral é muito ampla e abrange a ideia da maré ligada a sua temporalidade, mas também como espaço amplo que vai do mangue à restinga. Em geral, as pessoas vão se referir a maré como o local onde se marisca.

3 Esse artigo ainda em construção faz parte da minha tese de doutorado a ser defendida em março de 2019, cuja morte é tema central.

tecidas nesse espaço, a relação da comunidade com o mar e a estreita relação do mar e da morte. Nos dois primeiros tópicos, busco descrever as técnicas e performances que compõem essas atividades e como elas foram sendo “encorporadas” por marisqueiras locais. Meu ponto de partida é o trabalho realizado por mulheres na maré, invisibilizado não só do ponto de vista das políticas sociais, mas também nas etnografias que têm a pesca como temática. O objetivo do capítulo não é descrever detalhadamente cada tipo de mariscagem, mas sim, descrever os momentos específicos em que estive presente participando dessa atividade. E, a partir dessa descrição, reforço mais uma vez que pretendo analisar as relações que as pessoas estabelecem com a maré, com os demais seres presentes nesse ambiente. Ao mesmo tempo, as descrições presentes nesse capítulo estão impregnadas de minhas memórias de infância sobre o mar, as fontes e a mata. O que me aproxima à Matarandiba são as narrativas, e é por meio delas que ao mesmo tempo recrio as relações em campo. De alguma maneira, também fui compreendendo mais sobre minha história de vida associada ao mar. Cresci em volta da maré e do mangue, sendo assim, sinto-me incorporada nessas narrativas sobre a mariscagem. É nesse capítulo que minha presença não só como pesquisadora aparece de maneira substancial, mas ela está fortemente marcada por minhas memórias. Presença que é importante não apenas para pensar as próprias reconfigurações do parentesco<sup>4</sup> ao longo do tempo, mas também as reconfigurações que se dão através da maré. Esse artigo também trata em específico das relações de parentesco que são tecidas na maré, tendo como referência a narrativa das duas comadres e os laços de afetividades que são construídos.

### ***Mariscadeiras***

De longe, desde o porto, você pode avistá-las, em posição agachada, elas dão um outro colorido ao cinza da lama da maré vazia. Elas estão dispersas e ao mesmo tempo em grupos. Caminham de um lado ao outro, se agacham por um tempo e em seguida vão a um outro ponto, se agacham, cavam e esse movimento dura horas. Horas suficientes para que a maré de maneira quase imperceptível retome seu espaço e cubra essa lama já marcada pelos passos e pelos incessantes movimentos feitos pelas

---

4 Ver Janet Carsten (2014) e a importância para se pensar o parentesco a longo prazo .

marisqueiras. São marcas de um dia de trabalho. Eu me aproximo aos poucos, elas parecem bem distantes, preciso caminhar alguns minutos sobre a lama. Ainda não posso identificar qual o tipo de marisco que elas capturam: lambreta, chumbinho, *peguari*, maria preta? Talvez elas façam um pouco de tudo. Pegam o que encontram pela frente. Elas são de vários lugares: Mutá, Caçoes, Matarandiba. Elas têm várias idades: jovens, mães, avós. Compreendo mais de perto o movimento que elas fazem e a velocidade com que fazem. Vejo os baldes quase cheios de mariscos que resultam de uma longa jornada.

Estava começando a amanhecer quando despertei para encontrar Maria<sup>5</sup>. Procurei em casa uma panela grande e uma colher para levar como artefatos de trabalho. Caminhei um pouco até o Cercado, local próximo a casa de Maria. Ela já estava me esperando e disse: “*fui avistar a maré pra ver se a gente já pode ir*”. Seguimos na direção do Caboto. Para chegar lá precisávamos passar por uma rua estreita separada por duas casas e que também era um caminho alternativo para o Cruzeiro. A caminhada até o Caboto durava em média 15 min, era um caminho de barro que passava por uma das fontes que ainda existia na vila. Por muito tempo as fontes foram os lugares onde as pessoas se encontravam para lavar roupa, tomar banho e pegar água para beber em casa. Nesse momento lembrei-me do tempo de criança quando tomava banho no final da tarde nessa mesma fonte e carregava alguns baldes de água mineral ao retornar à vila. Na casa de meu avô havia um *purirão* de barro onde era estocada a água potável. Naquele tempo não havia água encanada, vivíamos da água da cisterna que havia no quintal e da água da fonte para beber. Havia também um cheiro forte característico das águas que corriam na mata que me faziam rememorar a infância.

Depois da fonte, passávamos por um grande campo de futebol, em seguida uma trilha e logo podíamos ver o Caboto: um local aberto, um pouco mais alto em relação ao nível do mar. Maria havia instalado uma pequena cabana para se proteger do sol. Era ali que ela passava algumas tardes catando o *chumbinho*<sup>6</sup> ou a ostra. As montanhas de cascas de *chumbinho* e ostra em volta da cabana eram reveladores de dias de muito trabalho. O fogão a lenha era instalado ao fundo, a sustentação desse fogo eram dois blocos de cerâmica paralelos e no meio eram colocadas lenhas retiradas ali mesmo na

---

5 Decidi trocar alguns nomes para evitar uma grande exposição das marisqueiras.

6 Espécie de marisco.

mata. Maria costumava deixar todos os materiais de trabalho por lá, os cavadores, ajuntadores, baldes e sacos de nylon para lavagem do marisco.

Deixamos nossas sandálias e seguimos pelo mangue, que por vezes era entrecortado por campos abertos com areia branca, mas o resto do caminho era de lama. Ao chegarmos à maré, Maria depositou seus instrumentos e vestiu um casaco para se proteger do sol. Quando me agachei e comecei a cavar, Maria riu da minha falta de “habilidade” e disse que daquele jeito abriria um buraco para me afundar. Em seguida ela explicou que o certo era raspar com a colher pela flor da areia. Dias depois ela contava essa minha falta de experiência para as outras marisqueiras. Recomecei o trabalho, mas enquanto isso, Maria já tinha conseguido encher um ajuntador. À medida que cavava apareciam um ou dois mariscos e aos poucos ia cavando ao redor, quando tudo ao redor já havia sido cavado seguia para outro lugar. Ela costumava ficar em pé com o corpo curvado, ela cavava com a mão direita e com a outra ela ia segurando os mariscos. Ela fazia movimentos muito rápidos com o cavador, era possível escutar a fricção do cavador sobre as cascas do *chumbinho*. Ela também se movimentava muito, sempre a procura de um novo lugar para cavar.

A maré não estava muito vazia quando chegamos, ela estava morta, nem enchia completamente, nem esvaziava por completo. Mas tivemos um tempo, talvez duas horas ou mais de trabalho. Ao passo que Maria ia enchendo o ajuntador, ela despejava sobre um balde grande o marisco. Algumas vezes ela transferia seus mariscos para o meu balde como forma de me ajudar. Enquanto isso a maré, que nos permitia uma percepção do tempo, avançava lentamente.

Quando a maré avançou até o local que estávamos, Maria disse que era hora de partir. Ela pegou o balde, despejou os mariscos sobre o saco de nylon e depois os lavou na maré. Ela me passou o saco para que fizesse o mesmo com os meus mariscos. Lavei todos e despejei na minha panela. Ela observou e disse que se a maré não tivesse morta eu teria conseguido encher aquela panela que estava só pela metade. Ela enrolou os dois panos que estavam na mão em formato circular, formando uma *rodilha*, como ela chamava, colocou sobre a cabeça e em seguida pegou o balde ajeitou em cima desse pano, uma sustentação para que ela pudesse caminhar com o balde na cabeça sem usar as mãos como apoio. Ela ainda comentou: *você tem que trazer uma rodilha pra carregar seu balde na cabeça, é mais fácil assim*. Carregamos nossos mariscos até a

cabana no Caboto, deixamos lá para catá-los só no dia seguinte. Maria disse que era possível manter o marisco até dois dias sem catar quando o sol não estava muito forte. Voltamos para vila às 10h.

No dia seguinte retornamos. Dessa vez Marina e Ray, respectivamente irmã e neto de Maria, nos acompanharam. Ray tinha menos de dois anos e parecia já estar acostumado a acompanhar a avó nos dias de mariscagem. Ele também tinha muita familiaridade com a mata e comia todos os frutos que encontrava pelo caminho: jamelão, dendê, coco da palmeira buriti, dentre outros. Os mariscos também lhe encantavam e era motivo de choro a possibilidade de não poder comê-los sempre. Seguimos pelo mesmo caminho feito no dia anterior. Além de Marina tinha também o cunhado de Maria que carregava um facão para nos proteger. No dia anterior Maria ficou sabendo por um dos seus sobrinhos que havia visto no campo de futebol um homem estranho todo vestido de preto escondido na mata. Essa notícia a aterrorizou e ela prontamente pediu para Amaro nos acompanhar. Seguimos todo o caminho rindo e comentando sobre a possibilidade desse homem ou dessa *visagem* aparecer mais uma vez. Chegamos ao Outeiro, depositamos nossos pertences, recolhemos os ajuntadores, sacos e baldes e seguimos pelo mangue. Maria ficava de cócoras e seu neto ficava apoiado em uma de suas pernas enquanto ela mariscava. Ela dizia: *é hoje que eu não encho nem meio balde com esse menino aqui.*

Ray era filho de sua única filha, Ananda. Maria tinha mais quatro filhos, só três estavam em casa: Ananda, Joca e Eídy. Luc, o filho mais velho, era casado e tinha dois filhos, e o mais novo morava com seu irmão em Salvador. Segundo Maria, seus filhos também a acompanhavam para maré, ela criou todos eles assim, principalmente na fase quando ainda não eram aceitos na escola, antes de 2 anos<sup>7</sup>. Mas como mesmo salientou Maria, naquele dia não tinha ninguém que pudesse ficar com Ray. Ananda havia começado a trabalhar na principal pousada da vila. Ela dizia que já tinha dito para Ananda que ela teria que parar de trabalhar para cuidar do filho dela.

No dia que Ray estava conosco, Maria quase não mariscou<sup>8</sup>, a maré estava nova, tínhamos mais tempo entre a vazante e a enchente. Dessa vez era Marina que me dava

---

7 Em Matarandiba não têm creches e o cuidado das crianças é partilhado entre mulheres.

8 Maria às vezes comentava que precisava mariscar muito pra conseguir comprar uma geladeira. Ela recém tinha construído uma casa, na frente da sua casa antiga. A casa ainda não tinha reboco, nem piso. Estava inacabada e também não tinha todos os eletrodomésticos. Ela também falava que precisava comprar um celular novo para um de seus filhos. Segundo ela, Joca era um ótimo aluno e sempre tinha muitos trabalhos pra fazer da escola que necessitavam de pesquisa na internet.

qualquer *quião* para *interar* meu balde. A maré avançou e subimos em direção ao Outeiro. Dessa vez deixamos os nossos sacos de marisco para retornar a tarde e catar todo o *chumbinho*. Depois do almoço voltamos no Caboto, Maria e Marina já tinham ido antes. Fui depois acompanhando seus filhos adolescentes. Quando chegamos, elas já tinham acendido dois fogos e já tinham começado a *escaldar* o *chumbinho* em duas panelas grandes cheias até a metade de marisco. Os *chumbinhos* eram colocados sem água na panela após passar por mais uma lavagem com água do mar. Não era necessário colocar água para o cozimento, o próprio marisco à medida que esquentava ia liberando água. Aos poucos as conchas abriam e começava a pegar fervura, aparecia uma camada de espuma que saía das conchas. Depois que quase todas as conchas já estavam abertas, a panela era despejada aos poucos numa mesa plástica que ficava embaixo da cabana. A outra panela que estava no fogo foi despejada sobre um pano que Marina havia estirado no chão e lá ela catava pacientemente seu *chumbinho*. Íamos separando a carne da concha que era despejada nas pequenas montanhas que nos rodeavam e formavam os sambaquis. O trabalho de catar era compartilhado por outras pessoas, a filha<sup>9</sup> de Maria, por exemplo, ia ajudar depois do trabalho. Passávamos a tarde conversando e catando os mariscos<sup>10</sup>, às 17h voltamos à vila para evitar pegar o caminho da mata a noite.

O *chumbinho* era a espécie de marisco encontrado em grande abundância na Vila, também era o mais barato, encontrava-se com facilidade, mas precisava de bastante tempo para conseguir uma quantidade suficiente para venda. Ele tinha uma casca branca com listras cinza e era de tamanho pequeno. Seu sabor era bem acentuado e também era considerado forte; segundo relatos, ele poderia fazer a pressão baixar para quem não estava acostumado. Por vezes era desaconselhado seu consumo em várias situações. Por isso se recomendava que o marisco fosse fervido mais duas vezes no momento da sua preparação. Ao todo eram três fervuras, uma primeira vez para tirar da concha, depois ele poderia ser refrigerado por bastante tempo e antes da sua preparação se fervia mais duas vezes.

---

9 Lembro de ter perguntado a Ananda, filha de Maria, nesse dia se ela preferia mariscar ou trabalhar na pousada. Ela disse eu gostava de mariscar, mas era mais rentável ficar na pousada. Ela mesma explicava como por vezes o marisco levava meses refrigerado esperando por comprador.

10 Todo o *chumbinho* que catei nos dois dias de trabalho resultou em menos de 2 kg. Cada kg era vendido por 25,00 reais, nos casos de compra em quantidade, acima de 10 kg, o preço caía para R\$10,00 dando uma margem de lucro muito baixa para a marisqueira.

Além do *chumbinho*<sup>11</sup>, tem o sururu, a ostra, o *peguari*, aratu, siri, caranguejo, maria preta, o camarão e lambreta.<sup>12</sup> O *peguari* geralmente é retirado por homens com uma técnica de mergulho na *coroa* quando a maré está cheia. O siri de mangue é retirado por mulheres, assim como a maioria dos mariscos, com exceção do siri e do *peguari*. Já o siri é retirado por homens através de gaiolas com iscas que eram depositadas na *maré de vazante* e retiradas horas depois, esse tipo de siri era vendido sem casca.

Algumas pessoas eram conhecidas na vila por ter grande habilidade por retirar determinado marisco. A lambreta, por exemplo, figurava entre os mariscos mais difíceis, poucos conheciam sua técnica. O aratu também fazia parte dessa lista, era um pequeno caranguejo vermelho que andava pelas varas do mangue. Nesse momento, ele quase não era encontrado para compra, as especialistas nesse marisco estavam aposentadas e não iam mais para maré, a exemplo de Dona Mercedes e Dona Gela. O caranguejo era o marisco que atraía pessoas que não tinham a mariscagem como fonte de renda, os jovens, por exemplo. Quando o caranguejo *começava a andar* para sua reprodução, inclusive quando havia uma proibição pelos órgãos ambientais para a sua retirada, era justamente quando muita gente ia até o mangue capturar o caranguejo. Mas havia também quem dominava a técnica de retirar o caranguejo no buraco, um pouco mais arriscado e complexo, como Djalma, filho de Dona Mercedes, marisqueira local.

O objetivo inicial foi detalhar o dia a dia do trabalho da maré e fazer reflexões a partir dessa descrição. Ao mesmo tempo meu objetivo é pensar a técnica do ponto de vista das pessoas. O envolvimento delas nesse saber-fazer e as memórias relacionadas a essas técnicas. O *chumbinho* em comparação aos outros mariscos tinha uma técnica simples de captura, mas era considerado mais exaustivo por conta do tempo necessário para captura de uma quantidade suficiente para venda. Mesmo que as técnicas pareçam menos complexas, a captura do *chumbinho* exigia a concretização de um ritual com algumas etapas importantes, além de ser um trabalho minucioso que exigia tempo. E, ao mesmo tempo, demandava muito do corpo, devido à posição que as marisqueiras

---

11 Apesar de ser o marisco mais capturado, o *chumbinho* não era o marisco mais apreciado dentro da comunidade. Então sua colheita era mais pra venda do que para subsistência. Ele funcionava como moeda de troca para compra de outros itens nas vendas locais. Em geral era uma troca pouco vantajosa do ponto de vista nutricional. Os frangos congelados e embutidos vislumbravam dentre os produtos mais consumidos na comunidade.

12 Geralmente as pessoas não fazem uma divisão clara dos mariscos entre crustáceos e moluscos, costumam denominar como marisco essas diferentes espécies.

precisavam ficar durante o dia. No próximo tópico, pretendo trabalhar mais detalhadamente as questões apresentadas nessa primeira descrição.

## **Corpo e movimento**

Iniciarei uma reflexão sobre as técnicas empregadas para captura dos diferentes mariscos encontrados nos manguezais e arredores de Matarandiba. Seguindo a abordagem teórica apresentada por Sautchuk (2007) penso na constituição de pessoa como resultado da própria atividade prática que ela executa. Já do ponto de vista da aprendizagem, ela pode ser pensada, menos como uma simples apropriação de uma capacidade pelo organismo, mais como um estabelecimento de acoplamento de várias ordens (SAUTCHUCK, 2007, p. 250). Nesse caso específico, poderia pensar num acoplamento dos pés na lama, do ajuntador nas mãos, e mais importante da própria maré e do tempo. interessante é pensar as diferentes “destrezas que emergem dessas interações” (SAUTCHUCK, 2007) que também são um modo de conhecer e de experiência que se dão através do corpo.

O corpo dessas mulheres carrega as memórias sobre suas atividades laborais. As lembranças podem ser pensadas como reações físicas. “A nossa pele é aquilo que não esquece. Os nossos olhos são aquilo que não esquece. O que ouvimos ainda ressoa dentro de nós. Isso não quer dizer que o corpo lembra. O próprio corpo é a memória” (SCHECHNER, 2013)<sup>13</sup>. Para Schechner (2013) “nosso corpo não acaba na nossa pele, ele vai além, até o cérebro dos outros”. Taylor vai trabalhar com a ideia de conhecimentos incorporados como experiências que se alojam no corpo (TAYLOR, 2013). Corpo onde se manifesta uma experiência coletiva, um corpo social, lúdico e movente.

As meninas começam ainda bem jovens a catar mariscos, a maioria das marisqueiras que conversei disse ter começado com 10 ou 12 anos a fazer esse trabalho. Apesar de já acompanharem suas mães ainda quando eram menores, faziam-no mais para ajudar ou brincar do que para exercer uma atividade laboral. No início acompanhavam suas mães e, em seguida, eram responsáveis pela execução dessa atividade.

---

13 Ideia apresentada por Schechner na discussão sobre os pontos de contato entre a antropologia e o teatro é fundamental para essa reflexão.

Elas ficavam horas numa posição extremamente difícil do ponto de vista de nossa “anatomia”, elas revezavam entre ficar de cócoras ou com o corpo em formato de concha, a cabeça abaixada e os braços estirados. Além da posição, também tinha o sol como um fator agravante. Às vezes, quando a maré era *tardeira*, elas mariscavam em um horário em que o sol era muito quente. Elas faziam uma movimentação aleatória e circular para cavar em diferentes lugares. A própria Maria dizia que não gostava de permanecer no mesmo lugar, então ela ia se movimentando e deixando rastros dos lugares em que cavou. Com uma mão ela raspava a flor da areia com movimentos rápidos e sincronizados e na outra ela segurava os *chumbinhos* catados. O cavador era uma faca entortada que permitia só tirar a quantidade de lama suficiente para descobrir o *chumbinho*. A depender do lugar, era possível encontrar nessa mesma raspada mais de um *chumbinho*, ou um *chumbinho graúdo*, e vários *miúdos* que eram descartados, por que não valia o trabalho de separar da concha depois.

Para as marisqueiras, após anos de trabalho, era muito normal essa posição. Elas também tinham um equilíbrio impressionante para carregar os baldes sobre a cabeça sem precisar utilizar o apoio das mãos. Levei dias para conseguir colocar o balde na cabeça e jamais consegui não ter o apoio das mãos. Mesmo quando passávamos por dentro do mangue e a lama cobria até nossos tornozelos, percebia que elas não perdiam o equilíbrio. Além disso, elas conseguiam carregar uma quantidade de marisco impressionante e que seria impensável para mim. Por vezes, Maria conseguia carregar seu neto nos braços e manter a panela na cabeça.

Mesmo que tenha descrito aqui a mariscagem do *chumbinho* que em comparação a outras espécies de moluscos requer menos algumas habilidades específicas. Isso não quer dizer que é empregado menos esforço, talvez a captura do *chumbinho* seja o que mais exige esforço corporal. De uma maneira em geral a atividade mais ampla, do mariscar, exige um conhecimento prévio sobre o mar e como cada espécie responde as temporalidades da maré. Os mariscos encontrados no mangue exigiam um engajamento específico. Caminhar dentro do mangue já era em si uma tarefa árdua. De fato era o corpo da marisqueira que estava completamente engajado na execução dessa atividade de captura. Seu corpo se apresenta enquanto o próprio artefato. É diferente do pescador onde o corpo pode ser pensado enquanto uma extensão dos artefatos que ele utiliza - a canoa, a rede e o próprio remo.

## **Criando os filhos na maré**

Da mesma maneira que o caminho até a maré me trazia lembranças, com certeza acontecia o mesmo com as marisqueiras que acompanhei durante esse tempo. Maria, Marina e Sônia eram irmãs. Aprenderam a mariscar ainda criança com a mãe. Um dia perguntei a Denise (Tufia) qual realmente era a necessidade ter um ajuntador e se realmente não podíamos despejar o chumbinho diretamente no balde grande. Ela me disse: *Quando eu vinha com minha mãe ela fazia assim e hoje a gente faz igual.*

Aproveitei essa resposta para entender mais sobre essa relação de aprendizado dos filhos e filhas com a mãe. Denise contou que diferente de suas irmãs, ela começou a mariscar com mais frequência depois que terminou a escola. Até então ela dedicava seu tempo apenas para os estudos. Tufia morava com seu único filho, Judson, em um quartinho construído no quintal da casa de sua mãe. Ela participava assiduamente das atividades da Igreja Católica e do samba de roda. Ela mariscava com menos frequência. E quando fazia isso, costumava levar seu chumbinho para catar em casa. Alguns momentos ela também cuidava de Ray, neto de Maria, enquanto Ananda, sua filha, trabalhava.

Em Matarandiba são as mulheres que têm total responsabilidade sobre o cuidado e sustento dos filhos. Sob a luz das discussões feministas, essa característica não seria diferente de outros lugares cuja estrutura social permanece machista e patriarcal. A paternidade ausente é uma característica comum da vila. Homens que não reconhecem os próprios filhos e optam por não registrá-los ou mesmo, pais que registram os filhos, mas não participam nem financeiramente, nem afetivamente da criação deles. Ainda existe um terceiro caso de pais que participam financeiramente da educação dos filhos, mas são ausentes afetivamente e também ao nível dos cuidados.

Sendo assim, os filhos *puxam a raiz da mãe* porque são elas que se ocupam da criação deles. E essa *raiz* está relacionada com o mar. O que os filhos herdam dessas mães são memórias sobre a maré: as atividades produtivas realizadas no mar e uma história de vida no mar. São as temporalidades da maré e a memórias desse lugar que são inscritas gradualmente nos corpos. (Mccallum e Bustamente, 2012).

Dona Mercedes exemplifica bem em uma das nossas conversas essa categoria, *raiz da mãe*:

*M: Eu mariscava, criei meus filhos tudo na maré, todos eles. Muito antes de ter essa estrada aí, era caminho fechado de mato. Eu ia lá pra baixo mariscar, criei meus filhos tudo aí na maré.*

*R: E depois algum virou marisqueira ou marisqueiro?*

*M: Pescador.*

*R: E marisqueiro tem algum?*

*M: Marisca. Ná até hoje marisca, Betinha e Nidinha também vai. Todo mundo puxou a raiz da mãe. Criei meus filhinhos tudo aí, lutando.*

*R: A senhora levava eles?*

*M: Levava. Quando eles estavam pequenos. Enquanto não estavam estudando eu levava, quando ia pro colégio. Agora eles estão indo pra escola pequeno, mas naquele tempo não tinha colégio pra eles não, aí levava pra maré. Quando eles não quiseram estudar, eu dizia: não quer estudar não? Umbora pra maré mariscar. Ai que levava todo dia. Só era botar a farinhazinha no saco, na lata. E umbora.*

*R: E essa farinhazinha usava pra que?*

*M: Pra comer meio dia, pra comer lá.*

*R: E comia o que lá?*

*M: Se panhasse um siri, cozinhava e comia, se panhasse um aratu, ostra, o que tivesse cozinhava e eles comiam. Criei meus filhos tudo aí.*

Dona Gela também partilhava dessa mesma experiência:

*R: A senhora levava [seus filhos] pra maré?*

*G: Levava e eles ajudavam*

*R: De seus filhos quem virou pescador ou marisqueira?*

*G: Era Conceição que era marisqueira. Todos eles sabem mariscar, mas nenhum marisca não. Eu ia pra maré, botava os dois meninos, arranjei uma cestinha assim, ai eu dizia, vocês vão ver siri e eu vou tirar o sururu. Quando eles saiam de dentro do*

*mangue eles gritavam: Mainha, vem ver uma coisa, tá cheinho. Ai eu lavava tudo, um sol quente, ia comer fogo mesmo.*

As mães já carregavam seus filhos para maré, mesmo antes do nascimento. Dona Gela conta como foi difícil todas as vezes que ficou grávida, e foram sete ao todo, mas que não deixava de mariscar:

*“Eu estava com as pernas inchadas e acostumada a amargura de não comer nada quando grávida, comi um prato de caruru que me lambuzei e logo as pernas melhoraram[...]. [Eu] ia de sandália por dentro dos mangues...Eu mariscava de sandália pelo meio dos mangues, porque os pé ficava fino....o pé inchava, mas mesmo assim eu catava, eu catava e vomitava. E as meninas diziam: coitada de Gela. Diziam: Não vá não Gela. E eu dizia : eu vou.*

Nesse sentido, gostaria de pensar o mar como substância do parentesco<sup>14</sup>. O mar nutre no seu sentido literal e é a substância de troca nas relações de parentesco estabelecidas. O mar define o parentesco. A noção de pessoa é construída a partir da *raiz da mãe*. Substância, nesse sentido, implica fluxos e intercâmbios. Defendo que dois elementos estão associados a essa lógica, é do mar que provém os alimentos que são trocados nas relações de parentesco estabelecidas, mas principalmente é na maré que são estabelecidos os vínculos familiares e também é o lugar onde são reativadas as memórias desses vínculos.

Seria equivocado pensar que a densidade do parentesco está na contracorrente da fluidez do mar, ou o próprio parentesco tem uma fluidez que é inerente? Ou como mesmo aponta Carsten (2014) “o parentesco se acumula e se dissolve ao longo do tempo”. Da mesma maneira que é importante compreender as temporalidades da maré para entender a pesca e a mariscagem, para a compreensão do parentesco é importante pensar nas suas temporalidades. O parentesco é fluído se pensarmos do ponto de vista das mudanças que ocorrem no tempo, ou mesmo se pensarmos que o parentesco não é só definido pelo sangue. A figura da comadre dentro da estrutura familiar é um exemplo

---

14 Ver Carsten (2014)

disso. E uma vez escolhida essa pessoa que batizará seu filho são costurados novos laços de parentesco.

Essa fluidez também está associada à dissoluções internas na família, ou mesmo a ausência, por vezes comum, como já apontado anteriormente, do pai e da família do pai. A migração também é um fator determinante para essa fluidez. E a morte, sem dúvida, provoca novos (re) arranjos familiares. É possível afirmar que essas relações de parentesco se acumulam e se dissolvem. (FONSECA, 2017). Ao me interessar sobre a temática da morte estou interessada nessa fluidez, nesses rearranjos e penso no mar como o contexto de mudanças.

### **HISTORIAS DE MARISQUEIRAS: O jogo de facho das comadres**

São muitos os *causos* que circundam o mundo da pesca e mariscagem em Matarandiba. Há quem já seja conhecido na vila por contar tais histórias. As crianças em geral ficam encantadas e pedem aos pescadores e marisqueiras mais velhas que lhes contem à exaustão tais narrativas. Esses *causos* recontam um pouco da história da comunidade e da sua relação com o mar. Eles recontam também sobre as atividades produtivas levando em consideração as interações entre visíveis e invisíveis. São os espíritos dos mortos em geral que viram personagens dessas histórias. E esses *causos* tratam desse encontro num cenário misterioso que é o mar.

Segundo os moradores, de tempos em tempos é possível avistar de longe, sobre o mar, dois fachos de fogo, duas tochas que se batem uma contra a outra. Alguns pescadores contam que já as viram quando estavam na maré *fachiando* baiacu e siri. Mas há quem já avistou esse fenômeno desde o Alto do Cruzeiro, o ponto mais alto da Vila. Os mais velhos contam que esses dois fachos de fogo que se debatem um contra o outro na verdade são duas comadres que em vida passavam o tempo brigando. Quando morreram, foram transformadas nessas chamas e condenadas a brigar para sempre. Como aponta Dona Mercedes, “o que faz na vida, faz na morte também”.

A narrativa sobre *o fachiado das comadres* é plena de interpretações. Ela nos sugere uma infinidade de caminhos possíveis. Nesse primeiro momento, eu decidi

seguir o caminho que me leva a pensar nas relações de parentesco que são paulatinamente costuradas na maré. O *causo* fala da importância da categoria comadre nas relações de parentesco estabelecidas, mas também, em um plano mais amplo nos reconta sobre o que pensar dos espíritos dos mortos. Esse sentido mais amplo da narrativa será melhor explorado em seguida, por hora analisarei de que maneira são tecidas essas relações na maré.

É comum que pessoas da mesma família costumem sair para mariscar juntas, mas essa não é a única possibilidade, em geral elas também se organizam em pequenos grupos para fazer essa atividade. São mulheres que já tem uma proximidade - amigas ou comadres que se agrupam. Elas costumam fazer uma parte do trabalho de maneira individual, mas também se ajudam mutuamente. Essa ajuda acontece principalmente no processo de beneficiamento do marisco, ou seja, no momento da separação do miolo da concha, ou na separação da carne da casca, como no caso de siri. Esse momento, inclusive, envolve outras pessoas que não tem a mariscagem como fonte de renda. Várias vezes, nos quintais das casas, grupos de mulheres se juntam para conversar e catar o marisco, mesmo que elas não tenham ido à maré e mesmo que não terão lucratividade, elas se juntam. Fazia parte de um trabalho coletivo voluntário feito no intuito de ajudar a marisqueira.

O convívio diário acabava se transformando em um motivador para fortalecimento das relações entre elas. Por muitas vezes, as relações entre comadres surgiam desse convívio iniciado na maré. A maioria das marisqueiras mais velhas que conversei faziam referências a esses momentos compartilhados com outras marisqueiras e contavam entusiasmadamente sobre momentos específicos vivenciados.

Sobre as comadres é possível afirmar que estas ocupam um papel central nas relações de parentesco na Vila. Ser comadre de alguém envolve de uma maneira ou de outra uma responsabilidade na criação do afilhado. Em geral, as comadres são escolhidas em função da amizade anteriormente estabelecida. Quando questionei a Dona Gela quais eram motivos que pesavam para escolha de uma madrinha ou padrinho ela afirmou:

*Eu gostava de [escolher] uma pessoa simples. Quem tem condições [sociais] eu não queria não, eu queria assim que nem você, que não*

*tinha nada, noite e abraço de maré vazia, não tinha nada, mas me considerava. Esses que tem [condições] não considera ninguém não, minha filha, tem gente que vai por interesse, mas eu não, quero que faça meu filho cristão.*

A própria ideia da consideração aparece no relato de Dona Gela como uma categoria importante para se compreender o parentesco em Matarandiba. A consideração era algo frequentemente associado na costura das relações de parentesco estabelecidas. O núcleo familiar não se restringe apenas a uma unidade doméstica. E nas diferentes casas por onde as pessoas transitam elas iam tecendo diferentes relações, tanto no âmbito do parentesco *carnal*, como no âmbito da “*consideração entre as pessoas*”. (MARCELIN, 1996)<sup>15</sup>

Apesar de Dona Gela apontar a importância de tornar alguém cristão, era muito diversificada a maneira como se davam os batismos e até mesmo era algo que ultrapassava o cânone católico. Tornar cristão nesse sentido podia não passar necessariamente por um batismo que acontecesse dentro da Igreja seguindo os rituais. Como sugere Dona Mercedes ao narrar à história do batismo de seu filho:

*A gente ia pra a maré de manhã, ficava o dia todo por lá quando era tarde a gente vinha embora, depois eu tive Djalma (filho), ai a gente saiu pra festa de São Simão em Barra Grande, ai ela disse: vamos no rio? Eu disse: vamos, quando chegamos lá aquele rio tão bonito , ai [eu] disse: Gela, batize Djalma aqui! ela foi e batizou no rio,[a gente] passou a se chamar de comadre. [Era no] Rio em Paratinga, tomamos banho, minha amizade com ela dobrou, mas se eu já gostava dela, ainda mais passei a gostar, todo canto que ela ia eu ia atrás, quando ela dizia, vou pra Barra Grande, eu dizia também vou. Ai pronto a gente se picava pra Barra pra mariscar, a gente ia lá pro Matange, mariscava o dia todo, a maré toda, quando era de tardinha a gente vinha embora se desse pra gente pegar*

---

15 O termo tem sido amplamente debatido em etnografias que tem a casa e /ou família como sujeito. Marcelin fez um a etnografia na periferia da cidade de Cachoeira na Bahia. O autor observou nessa localidade do Recôncavo Baiano a presença de um trânsito contínuo das pessoas entre diferentes casas e localidades na rotina diária, em situações cotidianas ou extraordinárias. Ver Marcelin (1996)

*carona a gente pegava, se não desse a gente vinha andando de lá ate aqui (MERCEDES, marisqueira local).*

As duas comadres moram ainda hoje na mesma rua, suas casas ficam apenas a 100 metros uma da outra. A finada *Teresa* também morava ali perto, naquela pequena rua mais alta do Cruzeiro. Os filhos, *já crescidos*, também se instalaram por ali. Construíram seus *puxadinhos* nos terrenos da família. Retorno ao ponto anteriormente debatido: sobre os contextos, particularidades e saídas para as formas de dominação presente em Matarandiba. Como dentro dessa perspectiva pensar nesse rearranjo familiar que se dá entre as comadres e as possíveis ausências paternas.

Passemos agora para o que decidi chamar de invólucro do *causo das comadres*, a própria concepção sobre a morte e as relações estabelecidas com o morto. Dona Mercedes aponta que o morto continua fazendo as mesmas atividades em vida. Ou ainda que as brigas que aconteciam em vida podem ser reproduzidas na morte. E ao mesmo tempo quando ela faz essa afirmação ela está pensando explicitamente sobre o fato que mesmo depois de morta, alguém que foi marisqueira em vida volta para a maré para continuar fazendo o mesmo trabalho. Quando perguntei se ela já tinha tido alguma visagem<sup>16</sup> no mangue ela me respondeu:

*Vê a gente sempre vê, porque a gente tá mariscando com quem a gente conhece, as amigas, às vezes a amiga morre e a gente fica. O que faz na vida, faz na morte, não é assim que diz? Eu não sei por que nunca morri pra saber, se é ou não. Eu sempre via dentro dos mangues batendo ostra (nesse momento ela faz o som da batida e assovia), eu olhava pra um lado, olhava pra outro e não via ninguém, não tenho nada a ver com isso, me deixa cá quieta no meu canto, tirando meu marisco. Nunca me meteu medo, nem nada não. (MERCEDES, marisqueira local)<sup>17</sup>*

---

16 Outras marisqueiras dizem conhecer alguém que já viu ou escutou alguma coisa. As conversas que giram em torno dessas visagens são recorrentes.

17 Dona Mercedes nos contava essas histórias na presença dos seus bisnetos que diziam se arrepiar de medo no desenrolar da história e a cada acontecimento.

A partir desse relato surge uma questão, são os mortos que intervêm na vida cotidiana dos vivos? (DELAPLACE, 2009) Ou a maré é esse espaço no qual a presença do morto é algo constante? No contexto *Daomeano*, conforme Sogbossi (2014), existe “um trânsito entre dois mundos”, uma passagem, em que o mundo dos vivos é visitado pelo mundo dos mortos. Tratando especificamente de Matarandiba, ocorre algo muito próximo a esse trânsito. Eu acrescentaria apenas uma questão: esse trânsito é unilateral, ou os vivos acessam também o mundo dos mortos por meio de visões e sonhos? Ou mesmo o mar seria esse lugar dos mortos? O mangue seria também a morada dos mortos e ancestrais. Caminhar sobre o mangue é mais do que fazer uma simples travessia seria como acessar outros mundos? Por que os mortos voltariam para exercer as mesmas atividades produtivas?

Ainda na perspectiva de pensar uma relação entre o mar com a morte gostaria de abrir um parêntese na descrição etnográfica para uma breve reflexão sobre o tema a partir do trabalho de Slenes (1992). O autor parte da análise da etimologia da palavra *malungo* para estabelecer uma conexão entre essas duas categorias que são profícuas dentro da relação que pretendo estabelecer nesse capítulo. Malungo em Umbundu tem frequentemente o significado de companheiros de sofrimento, ou mesmo na região de Luanda e Benguela chama-se meu barco ou meu companheiro de barco. Malungo significaria apenas “meu barco”, ainda por extensão poderia ser traduzido como “caMarinada da mesma embarcação”, forçosamente como colocado por Slenes (1992), companheiro na travessia da Kalunga. Ainda seguindo essa linha de raciocínio, para os falantes dos três idiomas referidos pelo autor (Kikongo, Kimbundu e Umbundu), a palavra Kalunga pode adquirir também o significado de mar. E ainda mais curioso é que pode vir a significar a linha divisória, ou a superfície, que separa o mundo dos vivos dos mortos. “Atravessar a Kalunga (simbolicamente apresentada pelas águas do rio ou do mar [..]) significava morrer, se a pessoa vinha da vida, ou renascer, se o movimento fosse no outro sentido.” (SLENES, 1992 p. 53)

Mesmo que essas palavras façam parte de um tronco linguístico banto e sabendo também que os bantos migraram em maior número para região sudeste do país, vejo nessa passagem trazida pelo autor uma importante reflexão para pensar essa relação que ainda se estabelece entre o mar e a morte em comunidades costeiras que descendem da população negra escravizada por três séculos. Os próprios orixás, suas particularidades e

mitologia que giram ao redor dessas divindades se apresentam como importante fonte de análise da relação morte e mar. Nanã, o orixá da lama e da morte é um exemplo dessa afirmação.

Em uma das conversas que tive com Leninha, perguntei diretamente sobre a relação do mar e da morte. Falávamos sobre o presente dos pescadores para Iemanjá, a relação desse orixá feminino com as águas salgadas. Perguntei especificamente da relação de Iemanjá com a morte. Mas pensava muito mais no que ela “representa”, o próprio mar. A resposta de Leninha sobre essa relação foi negativa, mas ela não encerra a conversa e aponta outras pistas: *A morte tem relação com Nanã, Nanã é a mãe da morte*. E continua defendendo esse argumento:

*L: Tem a família dela, Obaluaiê é filho de Nanã, só que Nanã ficou com o nojo do filho, porque ele era muito “petequento”, feio e o corpo era todo cheio de ferida. Ela pegou ele e colocou na praia e Iemanjá veio, adotou e criou ele como filho. Obaluiaê é filho de Iemanjá de criação.*

*R: Porque especificamente Nanã seria a mãe da morte?*

*L: Quando ela já veio, cada orixá já veio com aquela determinação. Xangô é dono dos raios. Aí ficou assim, Nanã com a morte. Tem o orixá da cura que é o filho dela, Obaluaiê é um orixá que cura as feridas, é dono das pestes e da prega.. aí ficou assim, A mãe mata e o filho cura. É uma coisa que é um enredo, muito bem enredado, e fundamento também, é muito complicado...complicado.*

Teriam as visagens de Dona Mercedes relação com Nanã? Pouco tempos depois voltei Matarandiba e perguntei a Dona Mercedes o que era feito com os mariscos catados pelos mortos. Ela riu com a minha pergunta porque de fato nada era feito porque talvez nem houvesse marisco, essas mulheres, segundo ela, que voltavam e continuavam mariscando em morte na verdade estavam ali pagando a penitência.

## **Considerações**

Nesse sentido, o objetivo inicial foi elaborar uma compreensão que dê conta das categorias importantes que foram paulatinamente apresentadas no decorrer desse tópico.

Ao finalizar esse artigo completo uma travessia sobre o mar, numa “*kalunga*”. O exercício que me propus a fazer nesse texto é seguir o enredo da narrativa local sobre o mar: as memórias, os lugares e os afetos dessa relação. Nesse sentido a maré aparece como lugar de história(s) e categoria central de reflexão. Mas é a atividade de mariscagem, suas técnicas e a costura das relações de parentesco, que da sentida a relação entre mar e morte.

O mar me conduz até a casa e para uma reflexão das relações que são tecidas. Em Matarandiba as casas são dispostas de uma maneira em que quase todas as “propriedades” desembocam seus quintais no mar. Essa característica facilita obviamente o trabalho realizado na maré, seja ele a pesca ou a mariscagem. Os quintais por vezes são repletos de sambaquis. É também no quintal que são enterrados os umbigos dos filhos que nascem. Assim, laços de parentesco e novos rearranjos familiares se estabelecem nas idas e vindas dos filhos da casa por esse *mar a fora*.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Yara de Cássia. **A casa raiz e o voo de suas folhas: Família, Movimento e casa entre os moradores de Pinheiro – MG.** 2016. 179. Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da USP. 2015.
- BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia: rito nagô.** Tradução de Maria Isaura Pereira Queiroz – 2ed – São Paulo: Editora Nacional; [Brasília]: INL, 1978.
- BENJAMIM, Walter. O narrador. In: \_\_ **Magia e Técnica, arte e política.** São Paulo: ed. Brasiliense, 2000.
- BENJAMIM, Walter. A Doutrina das semelhanças. In: \_\_ **Magia e Técnica, arte e política.** São Paulo: ed. Brasiliense, 2000.
- CARSTEN, Janet. A matéria do parentesco. *R@U* Revista de Antropologia da UFSCAR. Dossiê Parentesco. jul/dez 2014, v.6, n.2.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Tema e variantes do mito: sobre a morte e a ressurreição do boi.** *Mana* [online]. 2006, vol.12, n.1, pp.69-104. ISSN 0104-9313. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132006000100003>.
- CAVALCANTI, Maria Laura. **Ritual, drama e performance na cultura popular: uma conversa entre a antropologia e o teatro.** Série Passagens, n. 12. Janeiro de 2011. Fórum de Ciência e Cultura. UFRJ. 18 p.
- DAWSEY, John. **O Teatro dos Bóias-frias: Repensando a Antropologia da Performance.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 15-34, jul./dez. 2005.
- \_\_\_\_\_. **Sismologia da Performance: Ritual, drama e play na teoria antropológica.** Revista de Antropologia. São Paulo: USP, 2007, v. 50, N 2.
- \_\_\_\_\_. **Turner, Benjamin e Antropologia da Performance: O lugar olhado (e ouvido) das coisas.** Campos 7(2):17-25, 2006. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/campos/article/viewFile/7322/5249>.
- DELAPLACE, Gregory. *L'invention des morts : Sépultures, fantômes et photographies en Mongolie contemporaine.* Paris : Nord-Asie I, 2009.
- FONSECA, Claudia. De família, reprodução e parentesco: algumas considerações. Cadernos PAGU (29), jul/dez 2017.
- LANGDON, Esther Jean. **Performance e sua Diversidade como Paradigma Analítico: A Contribuição da Abordagem de Bauman e Briggs.** *Ilha Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 8, n. 1,2, p. 162-183, jan. 2006. ISSN 2175-8034. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/18229>>. Acesso em: 14 set. 2016. doi:<http://dx.doi.org/10.5007/0%0x>.

MCCALLUM, Cecilia; BUSTAMANTE, Vania. Parentesco, gênero e individuação no cotidiano da casa em um bairro popular de Salvador da Bahia, *Etnográfica* [Online], vol. 16 (2) 2012, Online desde 26 junho 2012, consultado em 07 novembro 2018. URL: <http://journals.openedition.org/etnografica/1476>; DOI: 10.4000/etnografica.1476

MANESCHY, Maria Cristina; SIQUEIRA, Deis; ÁLVARES, Maria Luzia Miranda. **Pescadoras:** subordinação de gênero e empoderamento. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 20(3): 384, setembro-dezembro/2012.

MARCELIN, Louis. 1996. **A invenção da família Afro-americana:** Família, parentesco e domesticidade entre os negros do Recôncavo da Bahia, Brasil. Tese de Doutorado não publicada, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MARQUES, Ana Claudia. **Considerações familiares ou sobre os frutos do pomar e da caatinga.** *R@u* – Revista de Antropologia da UFSCar, 6 (2), jul./dez. 2014.

SAUTCHUCK, Carlos Emanuel. **O arpão e o anzol:** técnica e pessoa no estuário do Amazonas (Vila Sucuriju, Amapá). 2007. 402 f. Tese (Doutorado em Antropologia)-Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

SCHECHNER, Richard. **“Pontos de Contato” revisitados.** *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 56, n. 2, p. 23-66, June 2014. ISSN 1678-9857. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/82460/85440>>. Acesso em: 03 July 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2013.82460>.

SLENES, Robert W. **"Malungu, ngoma vem!":** África coberta e descoberta do Brasil. *Revista USP*, Brasil, n. 12, p. 48-67, Feb. 1992. ISSN 2316-9036. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25575>>. Acesso em: 03 July 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i12p48-67>.

SOGBOSSI, Hippolyte Brice. **"Antropologia da Morte: os rituais no Benin"**. Ciclo de Palestras Africanidades, Cultura e Cidadania, promovido pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB/UDESC), 05 de set. de 2014, no auditório do Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED/UDESC), Florianópolis. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ldxkfverHvY>. Acesso em> 19 de setembro de 2016.

STRATERN, Marilyn. Os limites da autoantropologia. In : \_\_\_\_ **O efeito etnográfico e outros ensaios.** São Paulo: Cosac Naify, 2014.

TAYLOR, Anne-Christine. « Le corps de l'âme et ses états », *Terrain* [En ligne], 52 | mars 2009, mis en ligne le 15 mars 2010, consulté le 07 février 2018. URL : <http://journals.openedition.org/terrain/13557> ; DOI : 10.4000/terrain.13557.

TURNER, Victor. **Dewey, Dilthey e Drama:** Um ensaio em Antropologia da Experiência (primeira parte). Tradução: Heberth Rodrigues. *Cadernos de Campo - USP*. Nº 13: 177-185, 2005.

TURNER, Victor. **Floresta de Símbolos:** Aspectos do Ritual Ndembu. Rio de Janeiro: Eduff, 2005.